

XVII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA

26 a 29 de Julho de 2017

Brasília DF

**RELAÇÕES VIRTUAIS INTER E INTRA GRUPAIS: A CONSTRUÇÃO DE
GRAFOS PARA O MAPEAMENTO DE DOIS GRUPOS DE EX INTERNOS DE
UMA INSTITUIÇÃO PARA MENORES**

Veridiana Domingos Cordeiro | doutoranda | Sociologia | USP

Hugo Neri | doutorando | Filosofia da Ciência | USP

GT 39 Sociologia Digital

Coordenador: Richard Miskolci – UFSCAR

Coordenadora: Miriam Adelman – UFPR

Suplente: Fernando de Figueiredo Balieiro – UFPEL

Resumo: A discussão dos resultados aqui propostos é parte de uma pesquisa dedicada a estudar dois grupos de ex internos de uma instituição para menores e as maneiras pelas quais ambos constroem suas identidades a partir de suas relações intra e intergrupos. A relação de ambos os grupos se dá em dois níveis: presencial e virtual. O presencial, no entanto, ocorre de uma a duas vezes por ano em encontro comemorativos, enquanto a interação digital é bastante densa, tanto por WhatsApp, quanto por Facebook – onde ambos os grupos mantêm páginas públicas separadas. Uma maneira de apreender como suas identidades individuais e coletivas são construídas é traçar, a partir das mensagens trocadas por WhatsApp e Facebook: a.) quais são suas relações intra grupo, b.) quais são suas relações inter grupos, c.) quais são as características e os eventos mencionados que os marcam identitariamente, d.) quais são as características e os eventos mencionados que os marcam identitariamente em contraposição ao outro grupo. Para tal, utilizaremos técnicas de ciência de dados, especialmente a representação em grafos, para visualizar todo tipo de relação possível, a partir das interações dos indivíduos e a partir do conteúdo das mensagens. Tais relações criarão possivelmente *clusters*, em que será possível identificar indivíduos e suas menções identitárias mais centrais.

1. Introdução

Do ponto de vista teórico, é possível dizer que a ideia de redes já estava presente em sociólogos clássicos, como Norbert Elias, que usaram essa imagem como uma analogia para a compreensão da dinâmica social. Paralelamente, encontramos tentativas de instrumentalização dessa noção nas formulações de Jacob Levy Moreno, na década de 1930. A sociometria de Moreno foi útil por muitos anos para a Sociologia, no entanto, a densidade e amplitude das relações sociais virtuais experimentadas na atualidade precisam de aportes metodológicos e sobretudo técnicos mais avançados.

Nesse sentido, o presente trabalho busca trazer uma discussão metodológica sobre a construção de redes para interpretação de relações virtuais. Com isso, mostraremos como podemos encontrar uma gênese teórica da ideia de redes na teoria figuracional de Norbert Elias e como esta pode ser casada à Teoria dos Grafos e técnicas dela decorrentes. É importante notar que a visualização em redes e a teoria dos grafos são entendidas aqui como ferramentas de pesquisa. Para tratar sobre o mundo social, é estritamente necessária alguma concepção teórica que seja ao mesmo tempo compatível e mais abrangente. Neste sentido, a teoria dos grafos e a Sociologia de Norbert Elias teriam uma função *sintática* e *semântica* correspondentemente.

Para ilustrar tal discussão trabalharemos com indivíduos que frequentaram uma instituição para menores no interior de São Paulo. Tratam-se de indivíduos que passaram pela FEBEM de Batatais (antigo Instituto Agrícola de Menores de Batatais) e se reencontraram depois de muitos anos via redes sociais mais especificamente, o Facebook. A partir da construção de um grafo baseado na dinâmica por eles operada no Facebook (através do fluxo de “curtidas”, “relações de amizade” e “comentários”), tentaremos traçar uma primeira explicação sobre a dinâmica desse grupo para que a pesquisa possa se aprofundar em termos qualitativos mais específicos.

2. Um retorno à teoria clássica: breve revisita à teoria figuracional de Norbert Elias

Ao longo de sua trajetória intelectual, Norbert Elias buscou superar algumas das antinomias presentes no pensamento sociológico dos séculos XIX e XX. Uma delas é extremamente central para a Sociologia: a separação entre indivíduo e sociedade. Elias propõe uma abordagem nova que não busca entender a sociedade como um conjunto de ações individuais agregadas ou como estruturas externas impostas ao indivíduo desde fora. A abordagem proposta se denomina como figuracional ou processual. Esta entende a sociedade como um conjunto de “figurações”, que são compostas por *redes* de interdependência que conectam indivíduos interdependentes entre si. Essas configurações seriam responsáveis por marcar a estrutura social da personalidade individual. Assim, compreender o indivíduo em sua identidade é compreender e conectar aspectos biológicos, psicológicos e sociais. É interessante notar como o processo de individuação (e, portanto, de formação identitária) é sequencial, processual e relacional, diretamente relacionado com a configuração na qual o indivíduo está inserido (ELIAS, 1994a): As figurações seriam uma pré-condição para a auto percepção: “o sentido que cada um tem de sua identidade está estreitamente relacionado com as relações de ‘nós’ e de ‘eles’ no nosso próprio grupo e com a nossa posição dentro dessas unidades que designamos ‘nós’ e ‘eles’” (ELIAS, 1991, p. 139).

A identidade, de acordo com Elias, forma-se em um processo histórico que envolve o contraste (entre dominados e dominadores) e a unidade (interdependência estrutural dos dois grupos polarizados). Em *Estabelecidos e Outsiders*, o autor evidencia que a identidade social está associada de forma íntima às relações de poder existentes no bairro inglês analisado, cujo poder está assentado sobre a tradição, memória e temporalidade (antiguidade), que são de fundamental importância para o estabelecimento dicotomizado dos grupos. A possibilidade de manutenção e/ou alteração da figuração dicotomizada é feita por mecanismos simbólicos, no qual a fofoca, os elogios e outros recursos linguísticos, são de fundamental importância. Por meio desse controle simbólico é que se ratifica os estabelecidos e se estigmatiza os *outsiders*. Os estabelecidos são portadores de grande coesão social enquanto os *outsiders* são desarticulados. Assim, pensar em estabelecidos e *outsiders* é pensar em um grupo coeso e dominante apoiado na tradição e na memória e portador de grande status e em outro grupo com pouca coesão, temporalmente mais recente e portador de estigmas negativos e depreciativos.

3. A teoria figuracional e a teoria dos grafos: por uma construção de uma Sociologia das Redes atualizada

Se temos posto que, para Elias, os indivíduos sempre estão em relação, de maneira intencional ou não, formando assim figurações, a tarefa empírica que sua teoria nos impõe é de justamente mapear e interpretar essas figurações. Os trabalhos empíricos em que Elias faz isso (sendo *A Sociedade de Corte* o mais brilhante deles), demonstram a riqueza como ele descreve os indivíduos e grupos, emergindo dali uma figuração. É, no entanto, especialmente difícil, dentre tanta riqueza qualitativa, visualizar como se davam as relações e *status* que ele descreveu. Portanto, propõe-se, aqui, uma complementação (ou melhor, atualização) da Sociologia Figuracional com a Sociologia das Redes para entender, com mais recursos, como e por quê os indivíduos de uma figuração estão unidos si, formando grupos dinâmicos e específicos em seu conjunto (MERCKLÉ, 2004). A noção de rede social apareceu, de maneira clara, em escritos do antropólogo britânico A. Barnes (1954) para designar conjuntos de relações entre pessoas ou entre grupos sociais. Posteriormente, expandiu para as Ciências Sociais, constituindo conjunto de métodos, conceitos, teorias e modelos que tomam como objeto de estudo, as relações entre os indivíduos para entender suas transformações e seus efeitos sobre os

comportamentos individuais. O sociólogo Jacob Moreno foi outro marco no desenvolvimento da Sociologia das Redes Sociais ao implementar a ideia de “sociograma” como um instrumento que permite posicionar cada indivíduo no interior de um grupo.

A ideia de rede é uma ideia metafórica e representacional para entender como indivíduos estão conectados entre si, bem como o que estão implicados nessa relação e o que elas podem gerar: “A ideia que permeia a metáfora de redes, é a de indivíduos em sociedade, ligados por laços sociais, os quais podem ser reforçados ou entrarem em conflito entre si” (ACIOLI, 2007, p. 3). Ou seja, é uma concepção muito semelhante à concepção de figuração, mas acrescida de uma necessidade representacional gráfica que pode contar com cálculos que tentam medir essas relações de uma forma mais precisa. A sociometria, no entanto, não dá conta da complexidade relacional trazida pelas interações virtuais que impôs às Ciências Sociais. Por isso, propomos um aprofundamento na teoria dos grafos para podermos ter à mão instrumentos capazes de nos auxiliar nessa empreitada de construção de redes.

A teoria dos grafos versa sobre um determinado tipo de estrutura matemática, os *grafos*. Grafos são conhecidos popularmente como redes. Geralmente, os indivíduos¹ são representados por *nodes* ou “nós” (pontos) e as relações são representadas por *ties* ou “laços” (traços). Para isso, são utilizados gráficos e análises matemáticas (*graphy theory*) em conjunto com dados qualitativos (falas espontâneas, entrevistas e etc). A estrutura em rede permite que uma série de algoritmos sejam aplicados nela; alguns exemplos são algoritmos de busca, de clusterização ou de predição de laços futuros. Com isso, as relações apresentadas podem ter suas densidades medidas e ponderadas, estabelecendo relações mais fortes ou mais fracas, mais centrais e mais periféricas, e unilaterais ou bilaterais. Como afirma Acioli (2007), “a possibilidade de perceber relações mais ou menos simétricas; mais ou menos densas; indicam diferenças nos possíveis canais de informação e conseqüentemente, distintos padrões de comunicação entre os membros da rede” (p. 5).

De modo geral, um grafo é um par ordenado $G = (V, E)$, tal que V é de vértices, nós ou pontos, e E é um conjunto de arestas, laços ou elos, que são subconjuntos de dois

¹ As redes podem representar vários níveis micro ou macro de relação. Desta maneira, os nós podem ser indivíduos, mas também podem ser grupos ou organizações.

elementos do conjunto V . Ou seja, os pares de elementos presentes em E estão necessariamente em V .

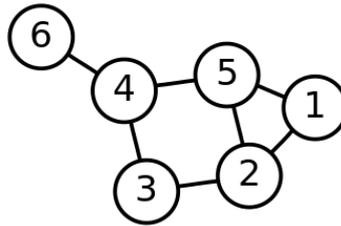


Figura 1 - Exemplo de grafo simples

O grafo da figura 1 é representado algebricamente da seguinte maneira:

$$V = \{1, 2, 3, 4, 5, 6\};$$

$$E = \{\{1, 2\}, \{1, 5\}, \{2, 3\}, \{2, 5\}, \{3, 4\}, \{4, 5\}, \{4, 6\}\}.$$

Em sua expressão mais simples, a ordem dos elementos nos pares de elementos em E não importa, sendo assim um grafo simples ou não-direcionado. Quando a ordem importa, temos um grafo direcionado. Na representação gráfica, teríamos uma seta que sai de um nó e termina em outro nó.

Sobre essa estrutura simples podemos fazer as mais diferentes operações matemáticas; podemos nos perguntar qual o caminho mais curto entre dois pontos, quais são os pontos mais importantes, quantos *cliques* existem em um determinado grafo, qual é a probabilidade de dois pontos se conectarem no futuro, e etc. Há um ramo bastante rico e consolidado da matemática e da ciência da computação que lida com o desenvolvimento e avaliação de algoritmos sobre grafos. Além disso, encontramos aplicações práticas para grafos em nossa vida cotidiana; a busca do Google (como qualquer outro mecanismo de busca de páginas de internet) é uma busca em grafos², o Facebook (como qualquer serviço de redes sociais) também é um grafo; a Internet, por excelência, é um grafo de computadores conectados (ver a imagem abaixo).

Em 1978, Alvin Wolfe anunciava em um dos artigos que compunha a primeira edição da revista *Social Networks* que o pensamento em rede era uma consequência quase

² No caso do Google, o primeiro algoritmo utilizado foi o *Pagerank*, desenvolvido pelos fundadores Larry Page e Sergey Brian enquanto cursavam o PhD. em ciência da computação na Universidade de Stanford. O *Pagerank* é um algoritmo que busca ranquear a importância dos nós em uma rede a partir de suas conexões de entrada ou saída. Portanto, a maior empresa do mundo nasceu tentando resolver um problema específico de redes: “quais são os nós mais centrais em uma rede?”.

inevitável da teoria social. Interessante notar que após quase quarenta anos, essa não foi a tendência consolidada. No entanto, na época ele apontou quatro tendências: a) atenção nas relações e não nas coisas; b) atenção em processos e não em formas; c) busca por fenômenos elementares em detrimento de instituições e d) a construção de modelos generativos em detrimento de modelos funcionais. Assim, como ele argumenta, “estar alinhado com uma ou mais dessas tendências não constitui necessariamente uma abordagem de rede, mas todas juntas *parecem conduzir inevitavelmente a um modelo de rede*” (Wolfe, 1978: 56). De certa maneira, este é nosso alinhamento neste trabalho.

É interessante ainda notar que ao longo das últimas quatro décadas de trabalho sobre rede, ao menos nos artigos publicados na principal revista da área, *Socionetworks*, não há menção ao trabalho teórico de Norbert Elias. Isso mostra o relativo encapsulamento tanto por parte dos sociólogos matematizados, quanto por parte dos teóricos sociais.

Embora tenhamos citado Moreno ou Barnes como precursores do uso de redes na Sociologia e Antropologia, foi o trabalho de Stanley Milgram, um psicólogo social professor de Yale e Harvard durante as décadas de 60 a 80, que deu fôlego e inspiração para os futuros trabalhos na área, atacando problemas que são comuns tanto para a teoria dos grafos, quanto para uma teoria social como a de Norbert Elias – se tais problemas forem devidamente traduzidos.

Milgram foi um pioneiro ao lidar com o problema dos **mundo-pequenos** de maneira empírica. Ele desenvolveu um interessante experimento para responder a esse problema, formulado da seguinte maneira: “Começando com duas pessoas quaisquer no mundo, qual é a probabilidade de elas se conhecerem? ”, ou de maneira um pouco mais refinada “Dado duas pessoas quaisquer no mundo, pessoa X e Y, quantos elos intermediários de conhecidos são necessários para que X e Y se conectem?”. Nesse experimento ele conseguiu avaliar o comprimento médio de caminho que conecta duas pessoas desconhecidas nos Estados Unidos. Veja, tal questão é central para compreender o que Norbert Elias caracterizava em suas *figurações*, dado que elas são uma imagem de apelo espacial de conexão e distância das conexões que os indivíduos têm em uma dada sociedade. Entretanto, diferentemente da tradição teórica europeia, e também por atuar na Psicologia Social (com um problema compartilhado com a Sociologia, empírica e teórica) Milgram desenvolveu um experimento para tal.

No experimento de Milgram, ele distribuiu pacotes para 160 pessoas aleatórias que moravam nos estados norte-americanos de Nebraska e Omaha. O destino final dos

pacotes era um corretor de ações residente em Boston, Massachusetts. O objetivo do experimento era que essas pessoas que receberam inicialmente os pacotes os encaminhassem para amigos, conhecidos ou familiares. Uma das principais regras é que eles somente poderiam reenviar os pacotes caso conheçam diretamente essas pessoas, e repassem para elas a mesma instrução. O experimento parece implementar uma tarefa impossível, conectar dois pontos completamente desconexos no espaço norte-americano, ao ponto de professores colegas de Milgram responderem que possivelmente seriam necessárias cerca de 100 pessoas servindo de elos intermediários para que essa tarefa fosse realizada. Muito embora o palpite dos colegas de Milgram parecem fazer sentido, esse julgamento é uma falha de raciocínio, como diriam Tversky e Kahnemann, dois grandes psicólogos norte-americanos.

Milgram rastreou o caminho percorrido por cada um dos pacotes, descobrindo que 44 de 160 pacotes surpreendentemente chegaram ao destino final. Além disso, dos 44 pacotes, o número de pessoas intermediárias requerido foi de no mínimo 2 e no máximo 10 pessoas, sendo a média de 5 pessoas e a moda (os caminhos mais frequentes) 6 pessoas. Ou seja, se houver um caminho entre duas pessoas não conectadas no espaço e no tempo, pessoa A e B, se elas estiverem conectadas por meio de pessoas intermediárias, o número esperado de pessoas presentes nesse caminho seria igual a 6.

O que o problema do mundo-pequeno postula é que qualquer pessoa no mundo, não importa o quão isolado estejam umas das outras, podem estar ligadas por meio de pessoas conhecidas que servem de elos intermediários, e além disso, o número de tais ligações é relativamente pequeno. Isso impacta diretamente na concepção categórica de grupo, uma vez que as pessoas conhecidas seriam arranjos de intersecção quase infinitos. Por outro lado, o problema do mundo-pequeno também postula uma outra coisa: se não houver conhecidos intermediários entre duas pessoas, a chance de elas se ligarem no futuro é nula – “uma mensagem circulará em um grupo particular de conhecidos, mas nunca será capaz de pular para outro círculo” (Milgram, 1967, p. 63).

A conclusão desse experimento suscita um novo erro de raciocínio, se não estivermos bem atentos. O fato do número de intermediários ser muitas vezes menor do que comumente supúnhamos não apaga a “enorme distância psicológica entre os pontos inicial e final” (Milgram, 1967, p. 67). Cada um dos elos representa, na verdade, um círculo completamente diferente de pessoas, hábitos, mentalidades e afins.

Essa conclusão, resultante de um esforço metodológico, converge com observações e enunciados teóricos como os de Elias, especialmente no tratamento de

outsiders. Isto é, a razão de *outsiders* estarem nas bordas de uma rede (ou de uma sociedade), e não em seu centro, está relacionado à quantidade de elos que esses *outsiders* têm com todos os membros de uma comunidade. O fator tempo é crucial, pois mais laços são potencialmente feitos em um determinado local e com mais pessoas daquele local. Assim, como dizem dois matemáticos que exploraram muito o problema dos mundos-pequenos, de Sola Paul & Kochen (1979), em consonância com as conclusões de Elias: “Os encontros ao acaso que temos são uma pista para a estrutura social, e sua frequência é um índice de estratificação” (p. 5). O fato de duas pessoas terem algum conhecido em comum significa que, em certa medida, provavelmente se movem nos mesmos círculos. Eles podem viver na mesma parte do país, trabalhar na mesma empresa ou profissão, ir para a mesma igreja ou escola. Essas instituições fornecem um núcleo de contatos para que um conhecido em comum possa levar para outros. Matematicamente, duas pessoas escolhidas ao acaso encontrar-se-iam mais rapidamente em uma sociedade não estruturada do que em uma estruturada, dado que na maior parte do tempo as pessoas escolhidas aleatoriamente não se voltariam ao mesmo estrato.

Assim, dispondo da ferramenta da teoria dos grafos em mãos, há duas propriedades de uma rede, especialmente de uma rede social, que gostaria de enfatizar: a *clusterização* e a *intermediação* (*betweenness*).

O experimento de Milgram enfatiza uma propriedade matemática de grafos que é altamente significativa para entendermos a estrutura social e como os diferentes círculos (ou grupos) se ligam: a *intermediação*. Em geral, utiliza-se a intermediação como uma medida de centralidade em um grafo. Essa medida seria a expressão da soma dos valores de todos os caminhos mais curtos que passam por aquele nó. Tais nós serviriam como pontes entre diferentes grupos, e sua centralidade se daria por terem mais informações que passam por eles. Deste modo, a conectividade de uma rede depende de tais nós. Tal propriedade foi também identificada por Elias.

A clusterização é justamente o fenômeno identificado nos *estabelecidos*, ou na sociedade de corte, que é a capacidade de se criar uma rede densa de laços entre os indivíduos nela com alguns laços fracos que ligam essa mesma rede com outros *clusters*. Como dizem os matemáticos de Sola Paul & Kochen: “A clusterização em uma sociedade é uma das coisas que afeta quem irá conhecer quem e quem pode alcançar quem” (1979, p.13).

Os indivíduos que servem de ponte entre os diferentes clusters são justamente os que têm maiores valores de intermediação, dado que é por eles que fluem grande volume de informação de ambos os lados. Para que haja comunicação entre os mundos, tais intermediários são fundamentais. Sem eles, a comunicação é quebrada – é como se os intermediários fossem pontes que possibilitam a passagem entre duas margens de um rio, sem as pontes a passagem se torna intransponível.

4. A análise das relações virtuais dos ex internos da FEBEM de Batatais

Propomo-nos a analisar um grupo de ex internos do Instituto de Menores de Batatais que abrigava menores abandonados e em conflito com a lei. Conseguimos mapear o grupo de ex internos do Antigo Instituto de Menores de Batatais e posterior Unidade Educacional UE4/FEBEM³ em redes sociais.

A primeira fonte de dados são mensagens espontaneamente pelos ex internos. É possível ver, de antemão, que há dois grupos, possivelmente marcados pelas mudanças geracionais e institucionais. O grupo mais antigo voltou a se encontrar, a fim de compartilharem memórias e encontrar uma referência identitária para si e para o grupo. Esse compartilhamento começou há cerca de cinco anos atrás com a criação de um encontro anual em Batatais dos ex menores do Instituto Agrícola de Menores de Batatais (IAMB), que são aqueles que frequentaram o instituto antes de ele se tornar FEBEM. O encontro anual deu origem a um grupo no Facebook, onde os ex internos compartilham mensagens, recordações, fotografias e vídeos antigos. No último encontro, em abril de 2016, ex internos mais jovens, que frequentaram a instituição quando ela já havia se tornado FEBEM, também foram. Todos ficaram juntos pela primeira vez no encontro. Dali, o grupo dos mais jovens tiveram duas ideias: a.) passar a organizar um encontro anual a parte e em data distante do organizado dos integrantes mais antigos – aqueles que frequentaram a instituição quando era IAMB-, b.) se unir para conseguir tutela de um dos lares abandonados junto à prefeitura e instaurar um projeto de assistência social.

³. A instituição foi fundada pelo Decreto-Lei 15.968 de 15 de agosto de 1946, em Batatais, como Instituto Agrícola de Menores de Batatais (IAMB). Houve uma mudança na nomenclatura da instituição em 1976, com a instalação da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, passando ser denominada UE - 4/ FEBEM. Essa mudança institucional foi promovida pela criação da Fundação Paulista de Promoção Social do Menor (Pró-Menor) em 1973, que depois de três anos foi transformada em Fundação Estadual de Bem-Estar ao Menor (FEBEM). Assim permaneceu até 1998, quando o complexo de lares foi desativado. No início dos anos 2000, foi construído um prédio (aos moldes de uma prisão) no terreno ao lado para abrigar a Fundação Casa de Batatais, que funciona até hoje.

Escolhemos fazer um recorte espacial temporal para analisar esse conjunto de ex internos do IAMB/FEBEM e suas respectivas relações. Podemos dizer que haveria três maneiras de apreender essas relações: a partir de uma observação participante no grupo (técnica utilizada por Elias em Winston Parva); a partir de entrevistas com os indivíduos e a partir de análise de dados já existentes⁴. A última abordagem me pareceu aquela que teria à mão dados com maior robusta, já que as outras técnicas demandam um tempo maior de coleta. Além disso, a última também oferece todos os requisitos necessários para a construção de uma rede de relações.

Uma vez que a maioria dos ex internos acabaram deixando Batatais após sua saída da instituição, não convivência presencial entre eles que não seja pontualmente nos encontros anuais. Entretanto, eles estabeleceram relações virtuais bastante estreitas com trocas de mensagens, opiniões e compartilhamento de memórias quase diárias.

A dimensão virtual é uma nova realidade com a qual as Ciências Humanas estão se deparando e devem saber abordá-la. A proposta de atualização da Sociologia Figural com a Sociologia das Redes Sociais é uma maneira de lidar com esse problema. Nesse sentido, faremos uma análise dos dados presentes do Facebook. Encontramos três páginas/grupos relacionados à instituição. Em todo(a)s ele(a)s, pudemos observar que tanto as mensagens trocadas, quanto a maneira como o grupo é nomeado e simbolicamente representados, há uma intenção de compartilhamento de memórias e construção de identidade.

Os dados básicos de caracterização dos grupos virtuais já demonstram a necessidade de uma criação identitária que aos coloca em situação de oposição e de complementariedade. A caracterização é a seguinte:

Grupo 1



Figura 2 - Foto de perfil do grupo: foto aérea antiga do IAMB

- *Nome do grupo:* Instituto Agrícola de Menores de Batatais (IAMB) | 1946- 1976

⁴ Este trabalho é um recorte da minha pesquisa de doutorado que está começando a ser desenvolvida sobre memória e identidade na instituição de Batatais. Para a minha pesquisa, eu uso técnicas mistas de pesquisa, inclusive observação participante nos encontros anuais e entrevistas com o ex internos.

- *Fundador/administrador do grupo*: Sônia Parente (filha do ex diretor do Instituto) e Erivelton Manetti (ex interno)
- *Caráter do ambiente virtual*: grupo público
- *Quantidade de membros*: 210
- *Data de criação do grupo*: 30 de outubro de 2015

Grupo 2



Figura 3 - Foto do grupo: símbolo da FEBEM (cata-vento) com o nome “FEBEM” embaixo

- *Nome do grupo*: Instituto Agrícola de Menores /UE4/ FEBEM de Batatais
- *Fundador/administrador do grupo*: Marcos Fernando Marciano
- *Caráter do ambiente virtual*: página
- *Quantidade de curtidas na página*: 619
- *Data de criação do grupo*: 8 de outubro de 2014

Grupo 3



Figura 4 – Foto do grupo: símbolo da FEBEM (cata-vento), sem o nome “FEBEM” e, no lugar, o nome do grupo “IAPS”

- *Nome do grupo*: Infância Amigos para Sempre (IAPS)
- *Fundador/administrador do grupo*: Eduardo Souza (ex interno) e Anderson Henrique (ex interno)
- *Caráter do ambiente virtual*: grupo público
- *Quantidade de membros*: 11
- *Data de criação do grupo*: 14 de junho de 2016

O primeiro grupo virtual congrega 204 ex internos e antigos funcionários que frequentaram a instituição quando ela ainda tinha o nome de Instituto Agrícola de Menores. O nome do grupo carrega essa distinção temporal⁵ muito bem marcada: “Instituto Agrícola de Menores de Batatais (IAMB) | 1946- 1976” (o ano de 1976 foi o ano de criação da FEBEM). A fotografia do grupo retrata a época a qual ele se vincula.

⁵ A Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (*Febem/SP*) foi criada pela Lei estadual nº 985, de 26 de abril de 1976.

O segundo grupo virtual busca contemplar as duas nomenclaturas pelas quais passou a instituição “Instituto Agrícola de Menores /UE4/ FEBEM de Batatais”. Isso evidencia a tentativa de identificar a continuação da instituição “em essência” (como diriam alguns membros em citações no Facebook) independentemente da mudança burocrática e de nomenclatura que, segundo os ex internos, trouxe poucas mudanças do cotidiano de seus viventes. Um fato que garantiria isso, além da permanência do espaço e das construções, foi a continuidade do quadro de funcionários que estiveram presentes na transição.

O terceiro grupo identificado, denominado “Infância Amigos para Sempre”, congrega em sua maior parte ex internos da época em que a instituição já era FEBEM. Este grupo, na verdade, conta com apenas onze membros, muito ativos na tentativa de recuperação do espaço físico (hoje parcialmente abandonado) do instituto, organizando tal empreitada a fim de promover iniciativas sociais. Mais precisamente os membros deste grupo conseguiram, junto à prefeitura de Batatais, o poder de uso de um dos lares do antigo instituto a fim de reformá-lo e transformá-lo em um espaço que ofereça atividades culturais e cursos profissionalizantes, operado totalmente por ex internos voluntários aprenderam profissões dentro do instituto que foram essenciais para a sua sobrevivência fora da instituição⁶. Ou seja, me parece que o terceiro grupo é um desdobramento do segundo com fins de uma ação conjunta para uma iniciativa de assistência social no lugar onde passaram suas infâncias.

É interessante notar que a caracterização (foto e nome) do primeiro grupo marca uma vontade explícita de se diferenciar daqueles que chegarem tardiamente na instituição que passou a carregar o nome de FEBEM. Enquanto o primeiro grupo tenta marcar uma ideia de anterioridade e posterioridade dentro o grande grupo de ex internos, o segundo grupo tenta amarrar sua identidade aos antigos membros e imagem da instituição. As mensagens do grupo 1⁷ mostram uma necessidade do grupo de se distanciar da imagem da FEBEM:

⁶ O intuito da ação dos membros está expressa na seguinte mensagem:” Para isso, conseguimos através da união de vários ex-alunos, e funcionários fundar o IAPS (Infância Amigos Para Sempre), com a finalidade de resgatar nossa história, de auxiliar nossos irmãos que não obtiveram êxito na vida, seja qual for a razão, através de cursos profissionalizantes, para que tenham uma nova oportunidade no mercado de trabalho, bem como estender o atendimento a ex-funcionários que possam também estar necessitando dessa ajuda” (Facebook).

⁷ (Bem como as entrevistas realizadas com os ex internos)

“Diferentemente da página do Facebook criada em outubro de 2014, por Marcos Fernando Marciano, ex interno da FEBEM, esta página pretende divulgar material educativo e de difusão cultural sobre o IAMB - Instituto Agrícola de Menores de Batatais” (Página do Facebook do Instituto Agrícola de Menores de Batatais).

O último grupo criado, o grupo 3, composto por membros do grupo 2 (época em que a instituição passou a ser FEBEM) já não carrega a sigla “FEBEM” nem no nome e nem na foto do grupo. O cata-vento da FEBEM permanece como símbolo, mas sem a sigla embaixo e nem no nome que é Infância Amigos para Sempre. Há uma oposição de posturas: o grupo 1 busca um distanciamento dos que chegaram na instituição na década de 1980, enquanto o grupo 2 busca atrelar sua imagem aos mais antigos. O grupo 3 que, nada mais é do que parte do grupo 2 se movimentando em direção a uma causa social, já busca se livrar do estigma atrelado à imagem da FEBEM e perpetrado pelo grupo 1 em relação ao grupo 2.

Embora cada um dos grupos tenha caracterizações diferentes, todos fazem menções explícitas à tentativa de, por meio dessas relações virtuais (e anualmente presenciais), resgatarem suas memórias “com a finalidade de resgatar nossa história”, sendo a memória coletiva essencial para a identidade desses ex internos. Isso é observado nas mensagens indisponíveis nos grupos de Facebook:

[...] 1998, após essa data vários fatos ocorreram e a unidade foi fechada, entregue a prefeitura municipal, que não se preocupou em preservar a história não só do local bem como das vidas que por ali passaram. Prontuários e documentos de internos foram deixados em lugar não apropriado, jogados sem nenhuma preocupação com o que significavam, causando assim, grande perda aos internos que buscam informações sobre suas origens” (Página do Facebook “Instituto Agrícola de Menores de Batatais/UE4/FEBEM de Batatais).

“A memória do trabalho realizado no IAMB praticamente desapareceu da vida da comunidade em meio a qual, ele surgiu. A ausência de registros oficiais e a não preservação do patrimônio cultural, educacional e esportivo dessa instituição pode ser considerada uma lacuna na história das políticas públicas sobre crianças e adolescentes abandonadas” (Página do Facebook do Instituto Agrícola de Menores de Batatais).

Nesse sentido, a maioria dos posts realizadas pelos grupos 1, 2 e 3 em suas páginas se referem a fotos da época em que eram internos, relatos de histórias sobre os institutos e comentários e perguntas relacionados ao passado. As interações entre os ex internos sempre se dá a partir de um post (seja ele um vídeo, foto ou texto) que é “comentado” ou “gostado” por outros membros. Partindo desse ambiente virtual e das relações ali

estabelecidas utilizamos algumas técnicas⁸ que nos permitiram capturar esses dados e alguns cálculos⁹ que os colocaram em relação para podermos fazer as análises abaixo.

Os anexos (ao fim do trabalho) são compostos duas imagens que visualizam a rede de interações entre os membros dos grupos de Facebook. A primeira imagem isola a área de conexões mais importantes, ao passo que a primeira apresenta a rede como um todo.

Observando as imagens anexas, podemos perceber que a rede de interações possui dois tipos de nós (representados por círculos): os nós rosas e os nós amarelos. Os nós em **rosa** representam as pessoas que são membros do grupo no espaço virtual. O nó amarelo nos permite visualizar melhor os agrupamentos, pois representam as páginas no Facebook com as quais os indivíduos estão associados. Ao total são 237 nós únicos de pessoas conectadas aos diferentes grupos.

A rede possui três tipos de conexões¹⁰: as conexões mais finas em **vermelho** caracterizam pertencimento aos grupos. Por pertencimento estamos entendendo a *inscrição* no grupo de Facebook que permite o usuário interagir com outros, especialmente o fórum público de discussão. As conexões em **azul** representam as reações que os indivíduos tiveram a publicações de outros membros. Está compreendido por reações as ações disponibilizadas pela rede social Facebook para interação com uma dada mensagem, tais como curtir, amar, compartilhar e etc.¹¹ Ao todo são 86 conexões que são representadas de maneira agrupada, aumentando o peso das conexões, e 255 conexões **vermelhas** de pertencimento, indicando que há membros que pertencem a ambos os grupos.

Podemos considerar que as relações **vermelhas** de pertencimento ao grupo virtual, de acordo com KATZ et ali (2004) representam tanto conexões de proximidade (*proximity ties*), isto é, a representação de quem está espacialmente ou eletronicamente próximo a quem, e possivelmente conexões cognitivas (*cognitive ties*), isto é, quem conhece quem (representadas na imagem 2) Já as conexões azuis seriam, segundo Katz, conexões afetivas (*affective ties*), isto é, quem gosta de quem ou quem (representadas na imagem 1)¹².

⁸ Foi utilizada a técnica de extração e mineração de dados via linguagem computacional Python.

⁹ Foi utilizado um algoritmo de força, que simula um modelo gravitacional

¹⁰ As conexões são tecnicamente chamadas de arestas ou *ties*.

¹¹ Todas foram agrupadas como “gostou”

¹² Há ainda outros tipos de conexões, conforme aponta Katz et ali., por exemplo, conexões comunicacionais (*communication ties*), isto é, quem fala com quem ou quem dá informações ou conselhos para quem, e conexões materiais ou de fluxos de trabalho (*material or work flow ties*) tais como quem financia quem ou quem provê quem (KATZ et ali, 2004, p. 308).

De modo geral, por mais que haja duas centenas de pessoas únicas na rede (representadas na imagem 2), que possuiriam *conexões de proximidade ou cognitiva*, apenas 26 delas possuem *conexões afetivas*. Isso sugere que um número muito restrito de pessoas conseguiria ter a capacidade de mobilizar os grupos. Mas, além disso, é um número menor de pessoas que tem acabam tendo papel ativo na construção identitária e da memória dos grupos. Além disso, vemos que os membros do grupo 3 (oriundos do grupo 2) são os mais ativos e tentam estabelecer conexões afetivas tanto com os membros do grupo 1, quanto do grupo 2. Isso evidencia a vontade, preocupação ou necessidade desses indivíduos fazerem parte do grupo 1, que é o grupo mais antigo. Isso também fica explícito no conteúdo qualitativo das mensagens. Na página do grupo 2 (gerenciada por ex menores da FEBEM) há várias referências sobre a época em que a instituição eram IAMB, fazendo, inclusive, homenagens a membros antigos:

“Nesse dia 08/12/15, Fabio Lopes recebeu em nossa cidade de Batatais o Título de Associado Honorário do Rotary Club de Batatais. Este ex menor, que foi um dos primeiros do IAMB, chegando em 1947 é um cidadão muito estimado em nossa comunidade e um verdadeiro ídolo para nós, ex menores do IAMB/UE4. [...] Parabéns irmão” (Página do Facebook “Instituto Agrícola de Menores de Batatais/UE4/FEBEM de Batatais).

Em contrapartida, na página do grupo 1, encontramos mensagens que em vez de incluir todos os membros que passaram pela instituição independente mente da época e de abraçar toda a história, como faz a página do grupo 1, encontramos mensagens tais como:

“Muito interessante o fato de esta página do Facebook ter estimulado a criação de outras páginas sobre o mesmo tema - embora as abordagens sejam de momentos históricos diferentes - como a do [laps Iamb](#) e IAMB/UE4/FEBEM. Esta inclusive tem como foto de perfil o catavento, que era o logotipo da antiga Febem [...]” Página do Facebook “Instituto Agrícola de Menores de Batatais).

A repugnância e estigmatização do grupo 1 pelo grupo 2 chega a ser explícita em vários comentários feitos embaixo de postagens que ex internos da época da FEBEM (grupo 2) fazem esporadicamente na página do IAMB (grupo 1), tais como este comentário que foi postado pelo ex interno da FEBEM, Luis Marcelo, que contava uma lembrança da época:

Postagem de Luis Marcelo (ex interno da FEBEM- grupo 2) na página do IAMB (grupo 1):

“Os pés de jabuticabas lotados, não importava se vinham abelhas ou Maria fídida na boca , tudo era alegria. Os tamarinos, o orvalho do lar 9, os pés de

mamão e da pinha do lar 3. E a horta q o sr Arlindo cuidava. Ah ! E àquele mel do sr Marcílio. Tinha gosto de eucalipto. Meus problemas de dores de garganta não existiam. Correr descalço no campo principal sob os olhares do Prof. Egídio. E depois dos Prof. Bertinho e Pimenta, estudar no Grupão na diretoria a dona Jamile, ela tinha olhares biônicos, não passava nada. Andar a cavalo e falcão sempre reclamando, mas aquele leite puro, quente ah ! Por isso era meio troncudo. Maria Shirley aquela q vivia vai estudar. Sr. Fausto com aquele opala q do lar 9 já dava pra escutar o barulho. Toniquinho vestido de juiz era bom de se ver. E vi o sr Hernani chorar qdo cantamos para ele , foi emoção pura. Ah....lembranças”!

Comentário feito embaixo do relato de Luis Marcelo:

“[...] a rigor teríamos que tirar este belo depoimento, pois está fora do período abarcado[...] Luis passa dados equivocados sobre os fatos. Ele se refere ao período de 1976 a 1983 (quando Jamile não mais trabalhava no Grupo Escolar) e a instituição passou a ser uma pedra no caminho de muitos, um polo de resistência à criminalização, mantendo suas características e impondo critérios que a FEBEM teve que ‘engolir’ até 1983”.

Luis Marcelo, citado acima, está posicionado de maneira centralizada nas imagens das redes, mas mais ligado ao grupo 2. Ele é um ex interno da FEBEM que amarra a história de seu grupo (2) ao passado da instituição.

A disposição na rede também aponta para um comportamento semelhante em que os membros do grupo 1 pouco interagem com os membros do grupo 2, ao passo que os últimos interagem com os membros do grupo 1 e também se relacionam/compõem o grupo 3. Nenhum membro do grupo 1 participa da iniciativa da página destinada à uma ação de reconstrução de um dos lares abandonados (que denominados de grupo 3). Mesmo assim, na imagem 2, podemos ver que há integração entre os grupos, sendo que eles não constituem grupos isolados, mas um todo, uma figuração. É a partir dos conteúdos qualitativos citados acima e da imagem 1 (onde podemos observar as conexões ditas “afetivas”) que entendemos que há uma divisão dentre todos os ex internos, constituindo assim três grupos: o grupo 1 demonstra certa repulsa pelo grupo 2 e o grupo 3 se apresenta como uma ação isolada do grupo 2, da qual o grupo não compartilha e apoia.

O grupo de estabelecidos (grupo 1) apresentou maior densidade na representação em rede e se mostra como dominante ao calcar sua história em um passado mais longínquo, supostamente mais legítimo e vinculado a uma instituição com mais prestígio (Instituto Agrícola de Menores de Batatais). Esse grupo, assim, busca se afastar dos grupos relacionados ao ex menores que frequentaram a instituição quando já era FEBEM (grupo 2 e 3), estigmatizando-os. O afastamento, no entanto, não se dá por completo, pois como

vimos, quando os membros do grupo 2 se manifestam na página do grupo 1, este não exclui ou ignora os comentários, muito pelo contrário, segue comentando de forma a inferioriza-los, o que denota uma relação dúbia de conflito e complementaridade. Relação esta que justamente caracteriza as relações de interdependência.

Observando a imagem 1 em anexo (o interior de um cluster), é possível notar que a centralidade espacial dos indivíduos corresponde a sua importância relativa aquele grupo. Vemos que nomes tais como o de Sônia Parente (criadora e articuladora intelectual no início da formação desse grupo), Paim Batatais, Luis Marcelo da Silva (Marciano) e Francisco Chagas, são importantes figuras de articulação mesmo no mundo não virtual. Dentro desse *cluster*, sua medida de centralidade de intermediação é alta, de modo que se simplesmente apagássemos esses três pontos, veríamos a rede se tornar menos densa, menos concentrada, e outras pessoas aumentariam sensivelmente sua importância relativa, dado que seriam pontes entre os diferentes subgrupos dentro do grupo (o clique).

Na imagem 2, onde podemos observar a interação entre clusters (ou guipos) diferentes, é possível notar uma concentração de pessoas exatamente no meio da imagem. Essas são pessoas que fazem a ponte entre os dois grupos. Como é possível notar, o número de pontes é alto, demonstrando como o movimento de resgate da memória da instituição a afetou como um todo, ao longo de todo o seu período. Há assim, muitos interessados na existência da identidade mais geral, que é a do Instituto Agrícola de Menores de Batatais, em detrimento de identidades parciais. Como o ciclo de entrada e saída dos jovens não permitia que o fenômeno de estabelecidos e outsiders fosse consolidado, foi possível essa ligação institucional.

5. Referências Bibliográficas

ACIOLI, Sônia. **Redes sociais e teoria social:** revendo os fundamentos dos conceitos Inf.Inf., Londrina, v. 12, n. esp., 2007.

CHARTIER, Roger. Prefácio. In.: **A sociedade de Corte.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

DE SOLA, Paul & Kochen, Martin. "Contacts and Influence" in. *Social Networks*, 1 (1978/79)5-51

ELIAS, Norbert. **A sociedade de Corte.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994a.

ELIAS, Norbert. **Conocimiento y Poder.** Madrid: La Piqueta, 1994b.

ELIAS, Norbert. **Estabelecidos e Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

KATZ, Nancy et al. Network theory and small groups. **Small Group Research**, Vol. 35 No. 3, June 2004.

MERCKLÉ, Pierre. **Sociologie des réseaux sociaux**. Paris: La Découverte, 2004.

MILGRAM, Stanley. “The Small-World Problem”. **Psychology Today**, vol. 1, no. 1, May 1967, pp61-67.

MORENO, Jacob Levy. **Fundamentos de la Sociometria**. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1972.

PARSONS, Talcott. **The Social System**. New York: Routledge, 1991.

WOLFE, Alvin. “The Rise of Network thinking in Antropology ” in. **Social Networks**, 1 (1978/79)53-64

ANEXOS

Imagem 1 - Rede de relações (conexões afetivas) construída a partir das interações dos membros dos três grupos

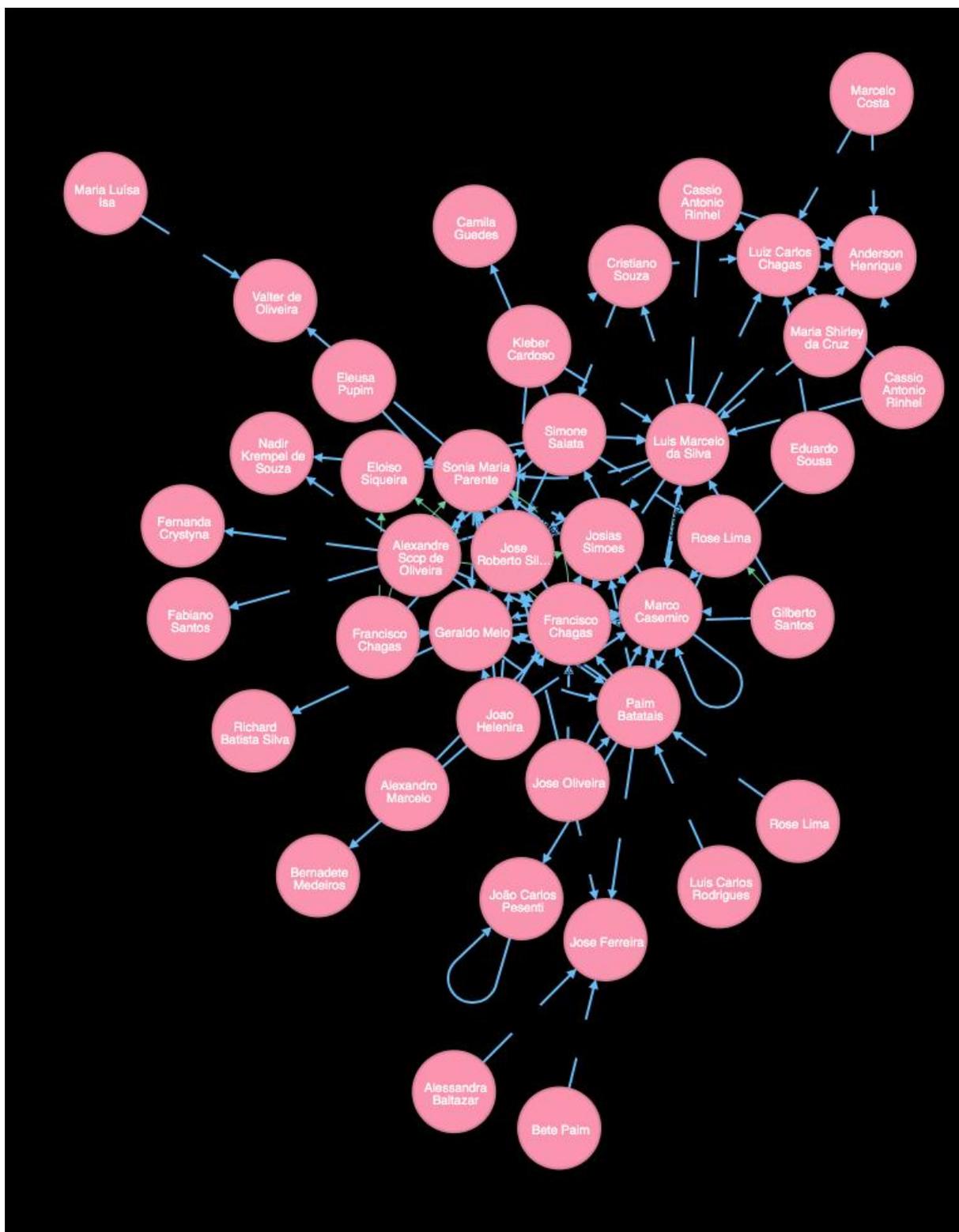


Imagem 2 - Rede de interações (conexões cognitivas) construída a partir das interações dos membros dos três grupos trabalhados

